



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JOCILENE TAVARES DOS SANTOS

**UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DA LEITURA E DA ESCRITA NOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Campina Grande – PB
2017**

JOCILENE TAVARES DOS SANTOS

**UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DA LEITURA E DA ESCRITA NOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Departamento de
Educação da Universidade Estadual da
Paraíba – UEPB, como requisito parcial
para a obtenção do grau de Licenciatura
em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia de Assis

Campina Grande – PB
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237r Santos, Jocilene Tavares dos
Uma reflexão sobre o processo da leitura e da escrita nos anos
iniciais do ensino fundamental [manuscrito] / Jocilene Tavares dos
Santos Norberto. - 2017.
29 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Prof. Dr. Maria Célia de Assis, Departamento de
Pedagogia".

1. Educação da criança 2. Literatura infantil 3. Escrita I.
Título.

21. ed. CDD 370

JOCILENE TAVARES DOS SANTOS

**UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DA LEITURA E DA ESCRITA NOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

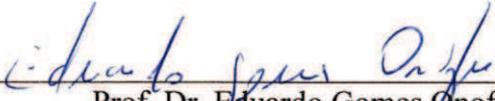
Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Departamento de
Educação da Universidade Estadual da
Paraíba – UEPB, como requisito parcial
para a obtenção do grau de Licenciatura
em Pedagogia.

Aprovada em 08/08/2017

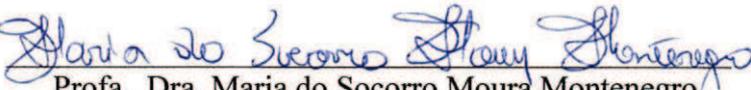
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Maria Célia de Assis
Orientadora – UEPB



Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre
Examinador – UEPB



Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Examinadora – UEPB

Campina Grande – PB
2017

Dedico

A Deus toda minha gratidão pela vida e pelo que sou.

Aos meus pais pelo o amor e incentivos constantes.

Aos meus filhos que amo e que sempre estiveram ao meu lado.

Agradeço,

Primeiramente ao meu Deus que me deu forças para chegar á conclusão desse curso.

Aos meus pais João e Pedrina, por seus cuidados e incentivos para que eu buscasse sempre o melhor.

Aos meus filhos, Jhéssyka Kelly e Klaus Danyel por toda ajuda que me deram ao longo da minha caminhada principalmente na área de informática.

Aos meus professores (as) com os quais aprendi muito.

Aos professores da banca que se dispuseram estar presente na minha apresentação.

A minha orientadora, Profa. Dra. Maria Célia de Assis por me orientar com carinho e paciência.

As minhas amigas do curso de Pedagogia Janis Cleide, Rosalva Oliveira, Emanuela Mendes, Yara Gomes e a todos que caminharam comigo e me ajudaram a chegar até aqui direto ou indiretamente, todo o meu carinho e o meu muito obrigado.

*Que a felicidade não dependa do tempo, nem da paisagem,
nem da sorte, nem do dinheiro.
Que ela possa vir com toda simplicidade,
de dentro para fora de cada um de nós.
Carlos Drummond de Andrade*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1- REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
1.1 - LITERATURA INFANTIL.....	11
1.2 - DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM	12
1.3 – LEITURA E ESCRITA.....	16
2- CONSIDERAÇÕES METODOLOGICOS.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	25

RESUMO

O presente artigo intitulado: Uma reflexão sobre o processo da leitura e da escrita nos primeiros anos do ensino fundamental, tem como objetivo refletir sobre o processo de aprendizagem de crianças, nos primeiros anos do ensino fundamental, por meio da leitura e da escrita. A metodologia por nós utilizada está fundamentada na pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, de acordo com os autores como Bogdan; Biklen (1994) e Marconi; Lakatos (1992), abordagem de pesquisa que abrange livros e artigos disponíveis sobre o tema. Com essa caminhada metodológica, atrelada ao nosso objetivo de pesquisa procuramos compreender o processo da leitura e da escrita, no sentido de incentivar a criança, o gosto pela leitura e a escrita, em diferentes gêneros textuais, como, histórias infantis, contos, cartas, notícias de jornais, músicas, bilhetes, jogos e brincadeiras, de modo a reforçar a sua vontade de ler dentro e fora da sala de aula. Para tanto, contamos com a colaboração teórica dos autores, Vigotsky (1983, 1984), Piaget (1997, 1984, 1983) Emília Ferreiro (1981, 1985, 1991, 1996), entre outros. Portanto, esperamos que sendo a escola, o espaço para a construção do saber, possibilite a criança de acordo com seu nível de desenvolvimento, leituras que estimulem e enriqueçam a sua imaginação e a sua criatividade, de modo que num futuro próximo tenhamos escolas, com crianças, de forma autônoma e ativa, exigindo a leitura como prioridade para a construção do seu próprio processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Criança. Literatura Infantil. Desenvolvimento. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O nosso estudo tem como título: “Uma reflexão sobre o processo da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental” e como objetivo geral: **refletir sobre o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, nos anos iniciais do ensino fundamental**, no intuito de alguma forma, contribuir com aqueles professores que tem interesse em desenvolver um trabalho em sala de aula, incentivando a criança, o gosto pela leitura e a escrita, em diferentes gêneros textuais, como, histórias infantis, contos, cartas, notícias de jornais, músicas, bilhetes, jogos e brincadeiras, de modo a reforçar a sua vontade de ler dentro e fora da sala de aula.

Nesse sentido, se faz necessário o compromisso do professor em face aos desafios ou dificuldades encontradas no seu dia-a-dia em sala de aula, para levar a cabo, propostas pedagógicas que aflorem na criança o gosto pela leitura e escrita, bem como, as contribuições de grandes autores que estudaram o desenvolvimento e a aprendizagem da criança.

Evidentemente, a leitura e a escrita são fundamentais para o aprendizado da criança em qualquer componente curricular. Por isso, a cada ano, o aluno precisa desenvolver mais e mais sua capacidade de ler e escrever, pois é através da leitura que percebemos o mundo a nossa volta além da oralidade crítica que adquirimos, e é a escrita que nos permite registrar todos os acontecimentos do mundo, por isso a busca pela a escrita deve ser um processo de busca coerente e coesiva no cotidiano escolar.

Assim, o domínio da leitura está na capacidade do sujeito colocar em ação todos os componentes necessários para a demanda da língua numa sociedade letrada. Não basta apenas dominar a técnica do ler e escrever precisa desenvolver a competência. Ser usuário de uma língua é saber fazer uso dos diferentes materiais escritos, orientar-se e informar-se, saber falar, ler e escrever textos nas mais variadas situações sociais do mundo letrado. A apropriação do sistema da escrita é um processo complexo, que envolve tanto o domínio do sistema alfabético-ortográfico quanto à compreensão.

É importante também destacarmos que nesse processo de construção da leitura e da escrita em salas de aula com crianças nos primeiros anos do ensino fundamental, é indispensável à leitura de textos de Monteiro Lobato o precursor da Literatura Infantil, bem como, os textos de Maurício de Sousa, Cecília Meireles, Ziraldo e Ruth Rocha

entre outros grandes nomes da Literatura Nacional. Textos impregnados de encantamento, de mistérios e de surpresas, levando a criança a um imaginário ladeado de beleza alegria e prazer. Não podemos deixar de pontuar a importância para esse estudo, Vigotsky, Piaget, e Emília Ferreiro, no que diz respeito ao desenvolvimento e aprendizagem da criança, de acordo com um desenvolvimento gradativo e se dá por meio de estágios ao longo da nossa vida.

Portanto, consideramos que o bom leitor é aquele que não apenas compreende o que ler como também consegue identificar elementos subentendidos, mas, relacioná-los com o outro texto, ou seja, criar uma situação de intertextualidade. Por isso, é preciso possibilitar a criança leituras, por exemplo, dos autores citados, haja vista, favorecerem uma visão capaz de relacionar uma situação de um texto para outro texto.

Organizamos o artigo da seguinte maneira:

Na primeira, denominada Fundamentação Teórica, apresentamos as teorias de: Vigotsky (1983), Piaget (1984), Emília Ferreiro (1981) entre outros que contribuíram para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Na segunda parte - Considerações Metodológicas, caracterizamos o método para obtenção dos dados e procedimento de análise dos mesmos.

Na terceira e última parte - Considerações Finais, formulamos ideias sintetizadas da análise desenvolvida durante o nosso trabalho sobre a relevância desta no campo educacional.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Consideramos esta parte da nossa pesquisa de fundamental importância, visto que, é nela e a partir dela o grande empenho em observações, reflexões e compreensões no que se refere ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental.

O referido processo acontece cada vez mais cedo, tendo em vista o contexto letrado em que se encontra inserida a criança. A vista disso, esse processo de aprendizagem deve ser feito com muita delicadeza, atenção e conhecimento, por meio de teorias e metodologias adequadas, de modo a possibilitar a aprendizagem, inclusive, incentivando a criança a entender o sentido da leitura e da escrita convencional para a sua vida.

Para entendermos melhor como ocorre o desenvolvimento no aprendizado da leitura e da escrita pelas crianças dos anos iniciais, destacaremos as concepções de alguns autores.

Segundo Queiroz (2003, p.162),

A leitura é a compreensão clara daquilo que se lê, são objetivos fundamentais e primários do ensino. Ao ingressar na escola a criança tem logo os primeiros contatos com a escrita e seus significados concretos, passando a perceber que os símbolos da escrita são organizados de forma a reproduzir o som da fala. A leitura é um dos principais meios de construção do conhecimento utilizado pela escola.

Assim sendo, ou melhor, dizendo, sendo a leitura essencial para a construção da aprendizagem da criança, consideramos entre outros, os contos infantis, uma chave mágica para abrir as portas da imaginação, da criatividade e da sensibilidade da criança, desse modo, auxiliando na sua formação integral.

O sorriso, alegre de uma criança que lê que ouve histórias, que brinca, compensa a luta que podemos ter, para que aquele sorriso, aquela alegria existam. E compensa ainda a sua certeza íntima que estamos abrindo novos horizontes e possibilidades para centenas de crianças, através da leitura. Estaremos ensinando quanto vale o livro; dando-lhes hábitos de leitura, fazendo-as amar o livro estaremos assimilando responsabilidades e cumprindo o nosso dever com as gerações que formarão os homens de amanhã. (CARVALHO, 2003, p.163).

Nessa perspectiva, o nosso entendimento é que durante a infância, é primordial que os pais leiam para seus filhos, haja vista, ser uma excelente maneira de despertar na

criança a curiosidade, o prazer pela leitura, o questionamento, a descoberta no recontar o que ouviu, enfim, proporcionar mudanças na sua forma de ver o mundo. Ler é mais que um símbolo, numa palavra é possível refletir aquilo que está escrito, daí, ser preciso questionar para entender se aquela leitura é importante, ou se traz contribuições para a sua vida.

Portanto, é preciso interiorizar o que se lê para enriquecer sua linguagem e seu conhecimento.

1.1 A LITERATURA INFANTIL

A Literatura Infantil leva à criança a descoberta do mundo, onde a fantasia e a realidade se misturam e se completam, levando-a a viajar, a descobrir e atuar num mundo mágico bem como modifica a realidade em que vive seja ela boa ou ruim, por isso:

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento biológico: outro, para o psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais. A literatura infantil tem uma magia e um encantamento capazes de despertar no leitor todo um potencial criativo. É uma força capaz de transformar a realidade quando trabalhada adequadamente com o educando. (OLIVEIRA, 1996, p.27).

Nesse caso é através da Literatura Infantil que as crianças buscam vencer seus medos e conquistar seus espaços, encontram sentido para sua vida. Esse gênero literário permite a elas entender o mundo que as cercam. Ajuda-as a aprender brincando, fantasiando.

Nessa perspectiva, toda criança precisa ter contato com a Literatura Infantil, caso contrário, tiraremos delas o encanto pela arte, riqueza na qual a fazem crescer com mais segurança e liberdade. Atréadas a Literatura Infantil estão às poesias, as parlendas, cantigas, adivinhas, brincadeira, histórias, quadrinhas, enfim, todos os textos ligados a ludicidade e que ajudam professores e alunos na construção do conhecimento. Sem dúvida, entendemos a Literatura Infantil como uma grande conquista no sentido de levar o ser humano a expressar através da sua leitura, sentimentos. De maneira lúdica, as histórias infantis mostram a vivência dos personagens seus medos e também suas conquistas trazendo para as crianças o real e o imaginário.

Nesse contexto, possuindo um caráter literário e pedagógico, envolvendo emoção, prazer e diversão, a Literatura torna-se um elemento indispensável ao fazer pedagógico, permitindo abordar diversos temas de maneira atrativa, divertida e lúdica. Sendo assim, esse recurso torna-se de grande importância tanto nas instituições educativas quanto nos planejamentos do professor por fazer um paralelo entre a fantasia e a realidade.

Ao terminarmos a nossa concisa reflexão sobre a literatura infantil, não poderíamos deixar de explicitar que no Brasil, Monteiro Lobato foi o grande precursor da Literatura Infantil. Além dele, Maurício de Sousa, Cecília Meireles, Ziraldo e Ruth Rocha entre outros, grandes nomes da Literatura Nacional e que tem muito a nos oferecer. Ao ouvir e ler as histórias através dos livros dos autores acima citados, a criança entra num mundo encantado, cheio ou não de mistérios e surpresas, mas sempre bastante interessante, desse modo, a criança ao mesmo tempo, se diverte e aprende, visto que, a ludicidade proporciona o interesse prazeroso pela leitura, em decorrência a formação de futuros leitores.

Enfim, a leitura em sala de aula por meio das obras dos referidos autores, é uma forma importante de o professor valorizar a cultura e mostrando as crianças a realidade do nosso país.

1.2 DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM.

Não é possível falarmos sobre desenvolvimento e aprendizagem, sem mencionarmos o suíço Jean Piaget (1896-1980) e o russo Lev Semenovich Vygotsky (1896- 1934), os quais a seguir, de maneira sucinta, apresentaram um panorama sobre a importância dos estudos desses autores no desenvolvimento e aprendizagem infantil.

Para Piaget (1984), o conhecimento é uma contínua construção que se dá por meio da criança com os objetos. Em sua teoria chamada epistemologia genética, Piaget afirma que o conhecimento resulta das interações que se produzem a meio caminho entre sujeito e objeto, sendo como uma construção dupla que, para progredir, depende da elaboração tanto do sujeito quanto do objeto. Quanto mais experiências, mais conhecimento. Para ele as ações da criança sobre o objeto é muito importante para que seus conhecimentos progridam.

Por não acreditar nem no inatismo das estruturas cognitivas, nem numa simples submissão aos objetos acentuo especialmente as atividades do sujeito. O conhecimento, na sua origem, não vem dos

objetos nem dos sujeitos, mas das interações - inicialmente indissociáveis – entre sujeito e esses objetos (PIAGET, 1997, p. 60).

Piaget (1983) em sua teoria, afirma que o desenvolvimento é gradativo e se dá por meio de estágios ao longo da nossa vida.

No 1º estágio (sensório-motor, a 1ª infância de 0 a 2 anos), a criança baseia-se exclusivamente em percepções sensoriais e em esquemas motores para resolver seus problemas e que embora a criança já tenha uma conduta inteligente, considera-se que ela ainda não possui pensamento, pois nessa idade não possui capacidade de representar eventos de evocar ao passado e referi se ao futuro.

No 2º estágio (Pré-operatório, a 2ª infância dos 2 aos 7 anos), é marcada pelo aparecimento da linguagem oral, daí a possibilidade da criança construir esquemas de ação interiorizada, seja ele, representativo ou simbólico, nessa fase a criança pode substituir as pessoas, objetos e animais por símbolos que são as palavras. O pensamento pré-operatório recebe também o nome de pensamento egocêntrico que é um pensamento não flexível que tem como referencia a própria criança. As ações dessa criança, embora sejam internalizadas não são ainda reversíveis, ela ainda não é capaz de retornar mentalmente ao ponto de partida.

E no 3º estágio (período de operações concretas, a infância dos 7 aos 11 ou 12 anos), a criança é capaz de construir um conhecimento mais compatível com o mundo que a rodeia, onde o real e o fantástico não mais se misturarão em sua percepção.

O 4º estágio (período das operações formais, a adolescência dos 12 anos em diante), o pensamento se torna livre das limitações da realidade concreta, a partir dos doze anos de idade a criança se torna capaz de raciocinar logicamente ocorrendo assim a libertação das amarras do mundo concreto permitindo ao adolescente pensar e trabalhar não só com a realidade concreta, mas também com a realidade possível. Capacidade de reflexão, ela se torna capaz de criar conceitos como liberdade, justiça, etc. e criar teorias sobre o mundo, principalmente sobre os aspectos que gostariam de reformular. (Piaget, 1983).

Independentemente do estágio em que os seres humanos se encontram a aquisição de conhecimentos, segundo Piaget (1983) acontece por meio da relação sujeito/objeto. Esta relação é dialética e se dá por processos de assimilação, acomodação e equilíbrio, num desenvolvimento sintético mútuo e progressivo.

Nessa linha de raciocínio, para Wandsworth (2003, p.45) “A assimilação é o processo cognitivo pelo qual uma pessoa integra (classifica) um novo dado percentual, motor ou conceitual as estruturas cognitivas prévias”.

A seguir, o processo chamado acomodação. Naspolini (1996, p. 184) define acomodação como sendo o “processo de modificação do sujeito”, a ação do sujeito de modificar ou alterar suas estruturas cognitivas para que comportem um novo conhecimento. Sendo assim, ao compreender que as sílabas da palavra casa se escrevem com as letras c-a-s-a, a criança realiza o processo mental de acomodação. E sua mente vai se modificando e criando estruturas para que ela possa compreender o mundo em que vive e suas particularidades. É fundamental que haja o desequilíbrio para o crescimento da criança.

Vygotsky (1984), em sua teoria, muito conhecida nos meios educacionais pelo título de histórico-social ou histórico-crítica, afirma ser determinante para o desenvolvimento a aquisição de conhecimento dos indivíduos a relação deles com outras pessoas, destacando a função da linguagem nesse contexto. Interação é a palavra chave para esse pensador russo, ele defende que o homem se faz homem na interação com seus semelhantes.

A teoria de Vygotsky (1984) destaca que é preciso considerar dois níveis de desenvolvimento: o real e o potencial. Entende-se por nível de desenvolvimento real aquela aprendizagem que já se tornou conhecimento, ou seja, aquilo que a pessoa já sabe fazer, como (tocar violão, pentear o cabelo, andar de bicicleta). No caso da criança trata-se daquilo que ela já sabe fazer sozinha de forma independente (cortar com a tesoura).

A zona de desenvolvimento potencial é referente àquilo que a criança ainda não consegue fazer sozinha, porém pode fazer com a mediação de outra pessoa (que pode ser adulto ou não). A zona de desenvolvimento proximal (ZPD), que, nas palavras do próprio autor, é a:

[...] distancia entre seu desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução de problemas, e o nível de seu desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1984, p. 101).

Segundo Vygotsky (1984) é na zona de desenvolvimento proximal (ZDP), que nós, professores devemos sempre pautar nossos esforços educativos, pois aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real

amanhã, ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã.

Quanto à educação escolar, a ênfase colocada por Vygotsky na importância do ensino sistematizado para o desenvolvimento humano decorreu do reconhecimento do papel e importância da escola para o avanço da sociedade como um todo, pois é na e pela apropriação dos conteúdos aí veiculados que o homem se constitui enquanto sujeito consciente, crítico, agente da história.

O processo de educação escolar é qualitativamente diferente do processo de educação em sentido amplo. Na escola, a criança está diante de uma tarefa particular: entender as bases dos estudos científicos, ou seja, um sistema de concepções científicas (VYGOTSKY, 1984, p. 147).

Em seus estudos sobre a ZDP, Vygotsky aponta que tanto o adulto quanto o parceiro mais experiente exercem importante papel no desenvolvimento da criança, pois auxiliam na resolução de problemas que a criança não consegue, de forma autônoma, solucionar. Assim, para Vygotsky, há a concepção de que o sujeito menos experiente necessariamente aprende, seja na interação com um adulto, seja na interação com um parceiro mais experiente.

(...) ao confinarmos as crianças apenas em grupos por idades, ao buscarmos turmas supostamente homogêneas, estamos quase que impedindo, que as trocas, os desafios, o crescimento seja suscitados. (...) Professores que tem experiências, que trazem conhecimentos, que produzem linguagem, mas que podem (e precisam) ter essas experiências, esses conhecimentos, essa linguagem ampliados. (KRAMER, 2001, p.128).

Se a aprendizagem depende das interações da criança e das relações que vai estabelecer com seu grupo, e uma criança avança em sua aprendizagem à medida que se depara com os desafios, seria ingenuidade de nossa parte supor que, ao estudar em classes homogêneas (em que todos os alunos estão aparentemente na mesma etapa de aprendizagem), a criança teria possibilidade de progredir mais rapidamente, tendo evolução de modo idêntico ao dos colegas de sala. (MONTEIRO; FRANCO, 2005). A riqueza da diversidade pode ser um excelente recurso para o trabalho de ensino aprendizagem, mas o professor precisa saber explorá-lo adequadamente. Portanto, professor (a), mãos á obra: leia, crie, reflita, estude, comente. Busque assunto do seu interesse e do interesse de seus alunos. Conheça práticas diferenciadas que podem fazer

diferença na sua ação e, com isso, vá melhorando a cada dia. Não existe formação completa. Estamos sempre em formação. Quanto mais estudamos, mais descobrimos que temos que estudar. Certamente, nós e nossos alunos ganhamos muito com isso.

1.3 LEITURA E ESCRITA

O processo de aquisição da leitura não deve estar restrito a mera decodificação dos signos linguísticos, conhecer é descobrir e construir, não é copiar, pois abranger o processo dinâmico de compreensão e interpretação. A iniciação da leitura deve ocorrer através do contato da criança com pequenos textos, inicialmente lidas pelo professor com palavras repetidas e com ilustrações que prendam a atenção da criança.

Segundo Ferreira, (1991 p.24)

A leitura do mundo antecede a leitura da palavra. E a leitura desta implica na releitura daquela e dessa forma, é de fundamental importância que o professor procure identificar que conhecimentos os alunos trazem para daí, dar continuidade ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

Nessa perspectiva, a aula se constitui em um diálogo entre educador e educando, mediado pelo conhecimento, um espaço onde a criança, tem a palavra, ouve, fala, opina, questiona e posteriormente, lê e escreve, considerando que o conhecimento não vem pronto, é produzido a cada momento e é algo questionável e dinâmico. Então, concebe-se a possibilidade de interrogar o texto, fazer a releitura, isto é, recontar as historia usando suas palavras, recriando, fazendo a diferença entre a realidade e a ficção.

Se assim, continuamente, o professor passa a incentivar o aluno a gostar da leitura de modo a torná-la o objetivo principal, não apenas dos seus alunos, mas, como um projeto a ser desenvolvido em toda a escola. A escola que assim trabalha, certamente, contribui para a preparação de alunos capazes de participar como sujeitos do processo de desenvolvimento da aprendizagem, logo,

[...] entendemos que o ensino de leitura deve ir além do ato monótono que é aplicado em muitas escolas, de forma mecânica e muitas vezes descontextualizado, mas um processo que deve contribuir para a formação de pessoas críticas e conscientes, capazes de interpretar a realidade, bem como participar ativamente da sociedade. (OLIVEIRA; QUEIROZ, 2009, p. 2).

A partir do momento que o professor conscientiza o aluno sobre a importância do ato de ler e, faz desse ato um hábito constante no ambiente escolar, proporciona ao

aluno um contato com obras literárias, auxiliando-os no desempenho dos mesmos, não apenas no momento atual, mas no seu processo de aprendizagem durante toda a vida, porém desde que, o ato de ler leve a criança à compreender o que lê, criticamente, de modo a ser capaz de recriar o que leu transformando-o em outro texto, isto é em produção sua, e não simplesmente um ato de repetição de informações.

Sobre isto, Freire (2009), pontua que a linguagem e a realidade e os conhecimentos prévios dos alunos precisam ser valorizadas. Não basta identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, compreendendo, interpretando, relacionando o que se lê com a própria vida, ações, sentimentos.

Assim, ao nível de uma posição crítica, o que não dicotomiza o saber do senso comum do outro saber, mas sistemática, de maior exatidão, mas busca uma síntese dos contrários, o ato de estudar implica sempre o de ler, mesmo que neste não se esgote. De ler o mundo, de ler a palavra e assim ler a leitura do mundo Anteriormente feita. Mas ler não é puro entretenimento nem tampouco um exercício de memorização mecânica de certos trechos do texto (FREIRE, 1997, p. 29).

Com essa visão, a criança compreende o que leu inclusive, com significado A leitura significativa leve em conta as experiências do aluno enquanto participante do processo de aprendizagem. Diante disso, o professor tem em suas mãos uma preciosa ferramenta que pode possibilitar o desenvolvimento intelectual e pessoal de seus alunos, independente de qualquer nível de ensino, quer dizer desde a alfabetização.

Antes de Ferreiro, a alfabetização já era muito discutida, mas sempre sob a perspectiva de “como ensinar”. O grande diferencial dessa teoria é que Ferreiro mudou o foco da alfabetização para “como aprender” (WEISZ, 2005). Com sua pesquisa, tinha o intuito de descobrir como a criança aprende a escrever, quais mecanismos utilizam até chegar à escrita convencional, tirando da escola o monopólio da alfabetização e voltando o foco dessa prática para o ser que se aprende. Assim,

Um sujeito intelectualmente ativo não é um sujeito que “faz muitas coisas”, nem um sujeito que tem uma atividade observável. Um sujeito ativo é um sujeito que compara, exclui, ordena, categoriza, reformula, comprova, reformula hipóteses, reorganiza etc., em ação interiorizada (pensamento) ou em ação efetiva (segundo seu nível de desenvolvimento). Um sujeito que está realizando algo materialmente, porém, segundo as instruções ou o modelo para ser copiado, dado por outro, não é, habitualmente, um sujeito intelectualmente ativo. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p.29)

Nesse contexto, a criança aprende por meio da repetição, seguindo um modelo pré-estabelecido, tornando a aprendizagem um processo mecânico, repetitivo, não levando em conta o contexto sócio-histórico e, nem o desenvolvimento psicológico da criança. Desse modo, contrapõe-se ao modelo de alfabetização vigente, mostrando que não existe a necessidade de a criança repetir exercícios mecânicos. Quando o sujeito só copia ou quando segue um modelo preestabelecido (como era o caso das práticas de alfabetização), o aluno não reflete e não pode ser considerado ativo. Nessa perspectiva, faz-se necessário que o processo de alfabetização, seja feita a partir da ideia, que o aluno precisa pensar e agir para ser alfabetizado.

Segundo Cocco (1996, p. 39) a proposta de Emília Ferreiro foi surpreendente: ela descobriu em suas pesquisas que as crianças no decorrer construção da escrita que elas aprendem passando por quatro níveis que são eles:

1 Nível Pré-silábico. Neste nível a escrita da criança não tem correspondência com o som. A criança registra garatujas, ou seja, são os primeiros rabiscos, desenhos sem configurações e mais tarde, desenhos com configuração. Na sequência, registra símbolos e pseudoletas (traçado que reflete um modo particular de escrever: bolinhas, risquinhos, etc.) misturadas com letras e números, já no final dessa fase começam a diferenciar letras de números, desenhos ou símbolos e reconhece o papel das letras na escrita. Percebem que as letras servem para escrever, mas não sabem como isso ocorre. Os rabiscos já são uma forma da criança como sujeito pensante escrever.

2 Nível Silábico. Nesse nível a criança conta com os “pedaços sonoros”, elas utilizam uma letra para cada sílaba. As letras podem ou não ter valor sonoro convencional. Pode escrever boneca como sendo bcn ou mesmo oca (nesse caso, com o valor sonoro correspondente), ou ainda fgr (uma letra para cada sílaba sonora, mas sem correspondência com o som convencional). A criança escreve somente com vogal ou somente com consoantes, ou utilizando vogais e consoantes, mas sempre com uma representação (letra) para cada sílaba ou frase.

3 Nível Silábico- alfabético. A certeza do nível silábico é quebrada quando a criança compara os seus escritos ou percebem que os adultos não conseguem ler o que elas escrevem. Então ela avança para outra fase: o valor sonoro torna se fundamental e a criança começa a acrescentar letras principalmente na primeira sílaba. A palavra boneca, por exemplo, é escrita assim: bonc, e não mais bcn (escrita silábica). Nesse

momento, está perto da escrita alfabética e irá aproximar se cada vez mais do último nível, quanto mais refletir, escrever e comparar suas escritas.

4 Nível Alfabético: A criança agora consegue ler e expressar graficamente o que pensa ou fala, porém escreve foneticamente, ou seja, ela faz relação entre o som e a letra, ainda não consegue escrever convencionalmente. Por isso são comuns palavras escritas com pequenos “erros”, como ipopotamo (hipopótamo).

Tão somente quando forem entendidas as razões para abandonar as hipóteses silábicas, pode-se passar a uma análise fonética e quando se compreender a forma de produção de escrita alfabética pode-se abordar os problemas de ortografia. No ato da escrita implica o cuidado com o valor sonoro das palavras que as crianças vão percebendo ao longo da sua escolarização.

Segundo Ferreiro (1996, p.24) “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças.” Logo, as crianças aprendem a ler participando de atividades de uso da escrita junto com pessoas que dominam esse conhecimento. Aprendem quando acham que podem fazer isso, pois antes de se tornar alfabetizada, a criança já consegue (re) construir histórias. Assim, pode-se, desde a mais tenra idade envolver a criança no mundo da leitura, e a sala de aula é o local mais apropriado para o desempenho dessa atividade.

Portanto, a construção do processo da leitura por meio da oralidade, é uma das estratégias didáticas eficientes principalmente quando utilizados por meio de crônicas, fatos jornalísticos, contos de fadas, haja vista a facilidade para serem compreendidas pelos alunos. Para tanto é preciso continuamente o compromisso e esforço do professor e do aluno, assim, certamente é possível trilhar o caminho da leitura, procurando obter um aprendizado de qualidade que o tornará o aluno apto para os seus empreendimentos futuros, como leitor e produtor de textos.

2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

No sentido de alcançar o nosso objetivo geral, ou seja, compreender o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, nos anos iniciais do ensino fundamental, no intuito de alguma forma, contribuir com aqueles professores que tem interesse de desenvolver um trabalho em sala de aula, incentivando a criança, o gosto pela leitura e a escrita, em diferentes gêneros textuais, como, histórias infantis, contos, cartas, notícias de jornais, músicas, bilhetes, jogos e brincadeiras, de modo a reforçar a sua vontade de ler dentro e fora da sala de aula, definirmos o método de estudo, visto que, através dele é possível cientificamente, a obtenção dos dados e os procedimentos de análise dos mesmos.

Para tanto, nos ancoramos na metodologia qualitativa, por ser “uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais” Bogdan e Biklen (1994, p.11). Além de definir-se como qualitativa, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, visto que,

[...] é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Logo, esse tipo de pesquisa, tem por base, sobretudo, a coleta de material de diversos autores sobre um determinado assunto, ou melhor,

A pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto à de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica (MARCONI; LAKATOS, 1992, p. 44).

Segundo os autores, uma das principais características dessa pesquisa é possibilitar ao pesquisador teorias variadas, por sua vez, contribuindo para aumentar o conhecimento, possibilitando a pesquisa, um material muito mais rico sobre o assunto,

isto é, fundamentando teoricamente o material a ser analisado. Assim sendo, faz com que o pesquisador além de ampliar seus conhecimentos, torne-se um leitor na busca e levantamento dos dados e informações.

Para os autores, a pesquisa bibliográfica corresponde a oito fases distintas:

- a) Escolha do tema – é o assunto que se deseja provar ou desenvolver;
- b) Elaboração do plano de trabalho – deve-se observar a estrutura de todo trabalho científico. Coletar material bibliográfico e planejar a introdução, desenvolvimento e conclusão;
- c) Identificação – é a fase de reconhecimento do assunto pertinente ao tema de estudo para realizar a análise do material bibliográfico;
- d) Localização – localizar as fichas bibliográficas nos arquivos das bibliotecas;
- e) Compilação – reunião de todo material coletado;
- f) Fichamento – transcrever os dados coletados, as fontes de referência em fichas;
- g) Análise e interpretação – é a crítica do material bibliográfico e comprovação ou refutação das hipóteses, com base nos dados coletados expondo a sua compreensão;
- h) Redação – é a crítica da pesquisa, que pode ser uma monografia, dissertação ou tese. (MARCONI; LAKATOS, 1992, p. 44).

Seguindo o pensamento dos autores, organizamos e desenvolvemos a nossa pesquisa do seguinte modo:

Primeiro - selecionamos as informações necessárias referentes processo de leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental, por meio de livros e revistas especializadas no assunto.

Segundo – realizamos uma revisão bibliográfica, do material coletado.

Terceiro – após a revisão bibliográfica, das informações contidas nos livros e nas revistas selecionamos as informações e realizamos o fichamento, ademais com o registro dos títulos, autores, ano, local e editora, observando o seu contexto e a sua finalidade.

Quarto – organizamos os dados de forma descritiva, da seguinte forma: literatura infantil, desenvolvimento e aprendizagem e leitura e escrita, segundo os teóricos, Piaget (1983) Vygotsky (1984) Emília Ferreiro (1991).

Quinto e último – analisamos e interpretamos todo material constituindo-se, na redação final.

Portanto, a nossa caminhada metodológica, consiste no entrelaçamento da pesquisa qualitativa com a abordagem bibliográfica, o que nos possibilitou alcançar o nosso objetivo de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desse trabalho podemos perceber a importância da leitura e da escrita na vida da criança. Entretanto, não podemos deixar de levarmos em consideração que para a formação de bons leitores e escritores é necessário que haja um compromisso de todos que fazem parte das instituições de ensino e, em especial os professores que, ao respeitar os conhecimentos prévios do aluno, deve saber escolher textos que despertem na criança o interesse pela leitura.

Nesse sentido, sendo a leitura indispensável à criança, desde os primeiros anos do ensino fundamental, é uma das funções da escola a responsabilidade de preparar novos leitores, não é um trabalho fácil, todavia, se contínuo, e com metodologias adequadas ao imaginário infantil, certamente, a educação passa a caminhar na direção de futuros escritores.

A nossa opção pelo referido tema não se deu ao acaso, mas, por acreditarmos que o ato de ler e de escrever é imprescindível ao ser humano, pois, é através da leitura e da escrita que pudemos observar o mundo ao nosso redor de uma forma mais crítica, nos possibilita novos conhecimentos, nos desperta sentimentos e emoções.

Igualmente, nos levou a refletir o seguinte:

Como as crianças estão aprendendo a leitura e a escrita?

Como tem sido apresentado a eles tão importante instrumento de inserção social e de descoberta do mundo?

Contudo, com base nos pensamentos dos autores, chegamos à compreensão que o processo de leitura e da escrita, é um processo minucioso, no entanto, gratificante tanto para o aluno, como o professor, desse modo, por ser um trabalho construído em conjunto, ambos saem satisfeitos principalmente pela experiência prazerosa e recompensadora.

Portanto, sendo a escola, o espaço para a construção do saber, sem dúvida deve oportunizar a criança de acordo com seu nível de desenvolvimento, leituras que estimulem e enriqueçam a sua imaginação e criatividade, de modo que num futuro próximo tenhamos escolas, com crianças, de forma autônoma e ativa, exigindo a leitura como prioridade para a construção do seu próprio processo de aprendizagem.

Assim, de alguma forma, esperamos que o nosso trabalho venha contribuir com aquelas professoras que têm o interesse pela leitura, e pela a escrita, por meio de

historias, como um processo, visando à promoção de um ambiente favorável à qualidade da aprendizagem.

ABSTRACT

The present article entitled: A reflection on the process of reading and writing in the first years of elementary school, have aims to reflect on the learning process of children, in the first years of elementary school, through reading and writing. The methodology we use is based on the qualitative research of a bibliographic character, according to the authors such as Bogdan; Biklen (1994) and Marconi; Lakatos (1992), a research approach that covers books and articles available on the subject. With this methodological approach, linked to our research objective, we seek to understand the process of reading and writing, in the sense of encouraging the child, the taste for reading and writing, in different textual genres, such as children's stories, short stories, letters, News from newspapers, music, tickets, games, and jokes, in order to reinforce their willingness to read in and out of the classroom. For that, we rely on the theoretical collaboration of the authors, Vigotsky (1983, 1984), Piaget (1997, 1984, 1983) Emilia Ferreiro (1981, 1985, 1991, 1996), among others. Therefore, we hope that the school, the space for the construction of knowledge, enables the child according to his level of development, readings that stimulate and enrich his imagination and his creativity, so that in the near future we have schools, with Children, in an autonomous and active way, demanding reading as a priority for the construction of their own learning process.

Keywords: Child. Children's Literature. Development. Learning.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, Robert; BICKLEN Sári. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora LDA, 1994.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997.
- CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. **A Literatura Infantil: visão histórica e crítica**. São Paulo: Edart, 2003.
- COCCO, M. F. **Didática da alfabetização – decifrar o mundo: alfabetização e sócio construtivismo**. São Paulo: FTD, 1996.
- FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1981
- _____. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1996.
- _____. Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1991.
- FERREIRO, Emilia; Teberosky, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas 1985.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 50 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- _____. Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar. 8 ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza-CE: UEC, 2002.
- KRAMER, S. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico. 4 ed.** São Paulo: Editora Atlas, 1992.

MONTEIRO, S. M.; FRANCO, C. Turmas de alfabetização devem ser homogêneas? **Letra A – O jornal do alfabetizador.** Belo Horizonte, ano 1, n. 4, out./nov. 2005.

NASPOLINI, A. T. **Didática do português:** tijolo por tijolo: leitura e produção escrita. São Paulo. FTD, 1996.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura prazer:** interação participativa da criança com a literatura infantil na escola. São Paulo: Paulinas, 1996.

OLIVEIRA, Cláudio Henrique. QUEIROZ, Cristina Maria de. **Leitura em sala de aula:** a formação de leitores proficientes. RN, 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com>. Acesso em 10 de junho de 2017.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança-imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** 3 ed. Rio de Janeiro: Falar Editores, 1997.

PIAGET, J. **A epistemologia genética.** 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. A formação do símbolo na criança. São Paulo: Zahar, 1983.

QUEIROZ, Tânia Dias. **Dicionário prático de pedagogia.** São Paulo: Rideel, 2003.

VYGOTSKI, Lev Semionovich. **A formação social da mente.** São Paulo: Livraria Martins Fonseca, 1983.

_____. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, Edusp, 1984.

WADSWORTH, B. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget.** 6 ed. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli, 2003.

WEISZ, T. Emília Ferreiro: **A concepção do conhecimento.** São Paulo: Segmento Duetto, 2005.